

## MÁQUINA DE ATIVISMOS EM DIREITOS HUMANOS: POR NOVOS CAMINHOS DE INTER(AÇÃO) COM A SOCIEDADE EM TEMPOS DE CONSERVADORISMOS

*HUMAN RIGHTS ACTIVISMS MACHINE: FOR NEW WAYS OF INTER(ACTION) WITH SOCIETY IN TIMES OF CONSERVATISM*

Emily Emanuele Franco Mewes<sup>1</sup>

Heloisa Fernandes Câmara<sup>2</sup>

Hadassa Demenjeon Jacó<sup>3</sup>

Leandro Franklin Gorsdorf<sup>4</sup>

Paloma Vaneli de Lima Leandro<sup>5</sup>

Uriel Pozzi Silva<sup>6</sup>

---

**Resumo:** O projeto de extensão Máquina de Ativismos em Direitos Humanos parte da necessidade de dialogar com a sociedade sobre direitos humanos. Para isso, estrutura-se na construção de modos de partilha da ideia sobre direitos humanos, através de estratégias de comunicação, arte e cultura capazes de promover reflexão e afastar os pré-conceitos e desconhecimento sobre o tema. Ao pensar nos retrocessos sociais vivenciados neste período pandêmico no Brasil, a escolha foi estabelecer a experiência por meio do tema do Fim do Mundo, usando diversas estratégias e plataformas das redes sociais e do mundo digital. O objetivo foi desenvolver um caminho lúdico para propor debates que afetem o tema, e, com isso, propor novos caminhos comunicacionais.

**Palavras-chave:** fim do mundo; cultura digital; direitos humanos.

---

---

**Resumo:** The Human Rights Activisms Machine extension project starts from the need to dialogue with society about human rights. For this, it is structured in the construction of ways of sharing the idea of human rights, through communication, art and culture strategies capable of promoting reflection and removing preconceptions and ignorance on the subject. When thinking about the social setbacks experienced in this pandemic period in Brazil, the choice was to establish the experience through the theme of the End of the World, using various strategies and platforms of social networks and the digital world. The objective was to develop a playful way to propose debates that affect the theme, and, with that, propose new communicational paths.

**Palavras-chave:** end of the world; digital culture; human rights.

---

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Direito da Universidade Federal do Paraná e bolsista do projeto de extensão Máquina de Ativismos em Direitos Humanos.

<sup>2</sup> Doutora em Direito do Estado (UFPR), Professora de Graduação e Pós-Graduação (UFPR), Tutora PET-Direito, pesquisadora CCONS e participante do projeto de extensão Máquina de Ativismos em Direitos Humanos.

<sup>3</sup> Estudante do Curso de Design da Universidade Federal do Paraná e bolsista do projeto de extensão Máquina de Ativismos em Direitos Humanos.

<sup>4</sup> Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPR; Professor Adjunto de Prática Jurídica em Direitos Humanos da UFPR e coordenador do projeto de extensão Máquina de Ativismos em Direitos Humanos.

<sup>5</sup> Estudante do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Paraná e bolsista do projeto de extensão Máquina de Ativismos em Direitos Humanos.

<sup>6</sup> Estudante do Curso de Direito da Universidade Federal do Paraná e voluntário do projeto de extensão Máquina de Ativismos em Direitos Humanos.

## 1 INTRODUÇÃO: DO RETROCESSO EM DIREITOS HUMANOS EM PERÍODO PANDÊMICO NO BRASIL

Discutir sobre direitos humanos tem sistematicamente saído do campo da academia ou dos ativistas em direitos humanos para os círculos mais cotidianos, como família, trabalho e grupos de amigos, porém cercado incompreensões e de desconhecimento. Os meios que esses debates têm sido travados também se multiplicaram, tendo em vista a expansão da dimensão da vida no mundo digital. Temos uma tensão constante, de um lado é pacífico no campo do Direito a importância histórica e atual dos Direitos Humanos, de outro há pesquisas que demonstram que há desconfiança com o tema, e tolerância com a sua violação (CONJUR, 2012). Em cenário de crise, de reforço de concepções equivocadas e de populismo midiático, falar de direitos humanos torna-se ainda mais complexo.

O projeto de extensão Máquina de Ativismos em Direitos Humanos foi estruturado para desenvolver novas formas de linguagens para produção e difusão sobre o tema de modo a instituir novas práticas de ativismos, criando alianças entre o campo estabelecido dos direitos humanos e o campo da cultura, das artes e da comunicação.

Afetados pela pandemia e pelos retrocessos diários nas temáticas de direitos humanos, com violências marcadas nos corpos de indígenas, negros e negras, mulheres, entregadores de aplicativos o projeto apostou na escolha do tema do Fim do Mundo para dialogar e propor ações sobre Direitos Humanos.

O tema do fim do mundo foi escolhido por ser um tema comum na cultura popular, que tem ressonância em diversos meios culturais. Ademais, a emergência do fim do mundo tem apelo de demandar resposta e mudanças de comportamento imediatas. Conforme apresentado no próximo tópico, o aumento de produções sobre o fim do mundo coincide com a conjunção de diversas crises globais, especialmente a ambiental.

## 2 OBJETIVOS: O QUE BUSCAMOS

A cada ano a proposta do projeto é partir de alguns dispositivos de reflexão permitir a construção dos objetivos por parte da equipe, com questões e perguntas que orientem a definição das estratégias. Para este momento foram feitas formações sobre direitos humanos, o que incluiu pesquisa bibliográfica, pesquisas de percepção da população sobre o tema, relatos e testemunhos de ativistas em direitos humanos e por último, ações artístico-culturais de artistas nacionais e internacionais.

A partir deste momento alguns objetivos foram escolhidos em torno do tema Fim do Mundo, quase todos vinculados à ideia de (re)conhecimento dos Direitos Humanos por

públicos distintos: a) produzir a partir das redes sociais mecanismos de engajamento ao tema dos direitos humanos; b) realizar a reflexão sobre como seria um mundo sem direitos humanos; c) propor reflexão sobre as ações de garantia e proteção de direitos humanos e da democracia; d) levantar dados sobre violações de direitos humanos a partir do cotidiano vivenciado pelas pessoas e, e) garantir o acesso a temas de direitos humanos a públicos que ignoram ou contrários aos direitos humanos.

Outros temas transversais a estes objetivos que são importantes para se pensar em algumas escolhas das estratégias e ações para o atingimento dos objetivos. Destes temas podemos citar: a propulsão de *Fake News* no contexto brasileiro e a discussão sobre como criar empatia para os não iniciados nos temas de direitos humanos.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS: CULTURA DIGITAL E DIREITOS HUMANOS

Para pensar nas melhores estratégias para a consecução dos fins almejados, partimos do espaço digital e de como ele tem sido decisivo para as construções de ideias, conceitos e narrativas no mundo, em especial da sociedade brasileira. Outro elemento importante era não perder do horizonte uma concepção de Direitos Humanos que não fosse meramente abstrata e normativa, mas que pudesse trazer o “corpo” dos Direitos Humanos, com os vários marcadores sociais que incidem sobre a desigualdade no acesso aos Direitos Humanos.

A inserção no meio digital nos remonta para o conceito de cultura digital que segundo GERE (2008) é um fenômeno historicamente contingente que emergiu, primeiro, como resposta às exigências do capitalismo moderno e, em seguida, combinada na contestação à guerra. Contudo, a tecnologia digital é apenas uma entre inúmeras fontes que têm contribuído para o desenvolvimento da Cultura Digital.

A Cultura Digital envolveria, assim, a existência de interatividade, interconexão e inter-relação entre homens, informações e máquinas. Participamos como produtores, consumidores, disseminadores e que, por isso, tem integrado a vida cotidiana, invadido as casas e interferido nas relações que estabelecemos com o mundo, tanto material quanto simbólico, que nos rodeia.

Com essa ideia realizamos conversas com ativistas de direitos humanos das mais variadas dimensões, ligados a temáticas de direitos a cidade, a etnia, a raça, a diversidade sexual, de gênero, de trabalho, de religião. Após estes diálogos empreendidos pudemos perceber que a nossa proposta inicial poderia reforçar uma essencialização do sujeito de direitos que não pudesse trazer uma pluralidade de perspectivas.

Com este diagnóstico a proposta se voltou para a elaboração de um *quiz* aos

moldes do *BuzzFeed* onde poderíamos por meio das questões chegar a um conjunto de ações de promoção dos Direitos Humanos. O desafio constante era a transformação de questões sérias de direitos humanos em proposições que dialogassem com o universo do Fim do Mundo e do imaginário dos jovens que navegam no ambiente digital. Para o aprofundamento desta metodologia realizamos uma conversa com um dos integrantes do *Buzzfeed* no Brasil e que nos auxiliou sobre a tomada de decisão do melhor formato para nossa proposta. Nesta ocasião descobriu-se outros *quiz* com a temáticas de direitos humanos em parceria com entidades internacionais, mas com conotação ainda fincada no imaginário de que se encontra envolvido com os direitos humanos. Outra descoberta desta conversa foi sobre a existência de um *BuzzFeed Community* no qual qualquer pessoa externa ao *BuzzFeed* pode propor um questionário a partir da plataforma nos garantindo autonomia.

A escolha da plataforma também ocorreu em razão da popularização desta ferramenta comunicacional, nestes períodos pandêmicos, nos quais todos e todas estavam voltados ao mundo digital. A arena digital no Brasil foi sendo ocupada paulatinamente pelo conservadorismo e autoritarismo, sendo necessário um enfrentamento no campo da discussão pública digital.

O *quiz* se estruturou a partir da pergunta: “O que aconteceria com você no fim do mundo?” na qual ao final tem-se o perfil que corresponde a sua sobrevivência, organizados em quatro perfis. Para cada perfil foi associado um personagem e correlacionado a probabilidade de sobrevivência em porcentagem. E proporcionalmente um conjunto de missões que deveriam ser realizadas para que ele/ela/ilu sobrevivesse ao Fim do mundo.

*BATMAN (0% CHANCE DE SOBREVIVER)*  
*HOMEM DE FERRO (25 % CHANCE DE SOBREVIVER)*  
*SHREK (50% CHANCE DE SOBREVIVER)*  
*OKOYE (100% CHANCE DE SOBREVIVER)*

Em todos os perfis um aviso sobre o Fim do mundo e a questão da sobrevivência:

*UM MUNDO SEM DIREITOS HUMANOS É UM MUNDO BLADE RUNNER, ONDE A VIDA DE UNS VALEM MAIS DO QUE A VIDA DE OUTROS. PARA SUA SOBREVIVÊNCIA, RESPONSABILIZE-SE PELA VIDA DO OUTRO, POIS COMO DIZ UM LIVRO FAMOSO "AME SEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO". A SOBREVIVÊNCIA ISOLADA DO HERÓI SÓ EXISTE EM FILMES COMO WALL-E. É URGENTE CRIAR CONDIÇÕES PARA SE CONVIVER. MAS NÃO SE ESQUEÇA QUE A TODA HORA CORREMOS RISCOS DE VIVER COMO EM O CONTO DA AIA!!!*

O que vai diferenciar cada um dos perfis quanto a sobrevivência num mundo sem direitos humanos, é o conjunto de missões que ele deve cumprir para se salvar, quanto

menos chances, mais missões. As missões foram organizadas a partir dos marcadores sociais abaixo indicados. Nesta lista de missões temos:

- Identificar e combater racismo e as diversas discriminações
- Garantir renda e trabalho dignos a todos e todas
- Garantir que as pessoas possam ser e amar quem elas quiserem
- Fazer com que todas as pessoas tenham acesso a direitos em todos os lugares
- Proteger todas as religiões e manifestações de fé sem distinção
- Aprender com idosos e crianças, refletindo o passado e criando o futuro
- Defesa da democracia sem retrocessos

Cada pergunta do *quiz* esta associada a um marcador social de desigualdade no acesso aos direitos humanos, considerando o contexto atual do conservadorismo e da pandemia. Dentre estes marcadores optou-se por: questão étnico-racial; gênero; trabalho e renda; segregação espacial; orientação sexual; religião, geracional e formas de governo.

Apresentamos a seguir as perguntas e as opções.

**1.O que motivou o fim do mundo?**

a) culpa dos homens; b) causas naturais; c) fim do ciclo na terra; d) ordem divina.

**2.Para qual planeta você fugiria?**

a) Planeta Rural; b) Planeta Metrópole; c) Planeta Periferia; d) Planeta Casa.

**3.Qual o livro de autoajuda você levaria?**

a) Guerra Cultural; b) Ética Bixa; c) Problemas de Gênero; d) Guia politicamente incorreto do sexo.

**4.Qual seria sua estratégia de sobrevivência?**

a) Cada um por si; b) Daria meus pulos; c) Me juntaria a um seita; d) Me prepararia para o pior.

### **5. Qual a sua trilha sonora do fim do mundo?**

a) Maysa - Meu mundo caiu; b) Paulinho Moska - O último dia; c) CPM22 – 1 minuto para o fim do mundo; d) KPOP – Bang, Bang, Bang.

### **6. Com qual povo intergalático você faria aliança?**

a) Povo de Awakanda; b) Povo de Avatar; c) Não faria aliança; d) Povo do Hacadá.

### **7. Qual super herói você seria?**

a) Gladiador; b) Mulher -Elástica; c) Borboleta Púrpura ; d) Homem- Fumaça.

### **8. Qual seria a melhor saída?**

a) Faria um sarau entre os povos; b) Busca do escolhido para salvar; c) Mataria todos os inimigos; d) Organizaria uma sociedade autogerida de resistência.

A postagem foi realizada no período de reflexão sobre os Direitos Humanos, 10 de dezembro, no ano de 2021. O link foi disponibilizado pelo *Instagram*, *Facebook* e pelos grupos de *Whatsapp*. Tivemos até o momento mais de 400 acessos ao *quiz*. Convidamos a todos, todas e todes para experienciar junto conosco essa jornada sobre a sobrevivência no Fim do Mundo, isto é, um Mundo sem Direitos Humanos, acesse o link: <https://www.buzzfeed.com/ativismosmaquinadh/o-que-aconteceria-com-voca-no-fim-do-mundo-8ree71t8rx>

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Cada uma das crises atuais, a sua maneira, trazem questões sobre como dialogar, como conviver, e, inclusive, sobre o papel da tecnologia que em atuação dúbia tanto promove e mantém exclusões, quanto propicia aproximações.

Especificamente quanto à crise sanitária global, a COVID-19 emerge como um evento que torna mais exposto um sentimento compartilhado de “perda do mundo”. Dessa forma, tal doença ecoa uma série de questões políticas que coexistem em torno de um sentimento de fim de mundo, de negacionismos, de aumento das desigualdades e ausência ou diminuição de convivência humana.

Não é de se surpreender que, frente a essa temática do fim do mundo, os direitos humanos tenham passado por turbulências. Tanto o reforço das identidades nacionais quanto as soluções tecnocratas hiper-universalistas são enormemente deletérias para a garantia de padrões éticos previstos nos direitos humanos, como o direito à vida digna para todos. Dessa forma, pensar o fim do mundo é uma forma de repensar a humanidade, o que

conta como humano e o que são direitos humanos.

A ânsia em se pensar o fim do mundo, e seu aumento nos últimos anos, pode ser demonstrada através de uma pesquisa na plataforma SciELO. Pesquisa na plataforma com a palavra-chave “fim do mundo” demonstrou um exponencial aumento, passando de 1 resultado em 2019 para 5 em 2020.

Portanto usa como fio condutor o tema do fim do mundo permitiu aproximações através da cultura pop e de certo arquétipo compartilhado, com a necessidade de pensar o conviver como resistência ao processo de degradação institucional. A aposta das atividades é que para nos mantermos humanos precisamos conviver, (co)existir, caso contrário o fim do mundo é traz o fim de um mundo, o humano.

Para tanto, a estratégia utilizada, *quiz* no *Buzzfeed*, serve como um alerta sobre as violações de Direitos Humanos mas também um Manual de Sobrevivência, isto é, em que a condição conseguiríamos sobreviver num mundo sem direitos humanos.

O que perpassa parte desses medos comuns é a existência de “manuais de sobrevivência”, inspirados em retórica militar fazem parte do movimento de pessoas que buscam se preparar para o fim do mundo de forma individual.

O que pretendemos no projeto é estimular o comportamento contrário através da percepção de que não é possível sobreviver individualmente, inclusive porque comportamentos egoístas estão no centro da degradação que leva ao fim do mundo. Assim, a versão de manual de sobrevivência adotada no projeto foi construída com os itens trazidos no teste: gênero, trabalho, espaço urbano e rural, religião e idade como marcadores importantes para construção de um mundo mais inclusivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONJUR. **Metade dos brasileiros aceita tortura de acusados.** Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2012-jun-06/metade-brasileiros-concorda-tortura-criminosos-pesquisa>>. Acessado em 13 de julho de 2021.

GERE, Richard. **Digital Culture.** London: Reaktion Books, 2008.

HERRERA FLORES, Joaquín. De que falamos quando tratamos de direitos humanos: os direitos humanos como processo. *In:* \_\_\_\_\_. **A (re)invenção dos direitos humanos.** Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009, p. 29-40.

PIOVESAN, Flávia. PIOVESAN, Flávia. Direitos humanos: desafios da ordem internacional contemporânea. *In:* **Direitos humanos**, v. 1, p. 15-37, 2006.

SANTOS, Laymert. A informação após a virada cibernética. *In:* \_\_\_\_\_. (org.). **Revolução**

**tecnológica, internet e socialismo.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 9-33.

SANTOS, Boaventura de Souza. Uma concepção multicultural de direitos humanos. *In: Lua Nova: revista de cultura e política*, n. 39, p. 105-124, 1997. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451997000100007&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451997000100007&script=sci_arttext&tlng=pt)>.

Recebido em 23/01/2022

Aceito em 25/01/2022